

CORPORATIVISMO. ALGUM PROBLEMA COM ISSO?

Por Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez

O corporativismo é compreendido como a priorização de uma categoria profissional em detrimento da sociedade em geral. Com o passar do tempo, foi se tornando sinônimo para uma visão de mundo em que há privilégios para determinados grupos, sejam colegas de profissão, amigos de infância ou até mesmo familiares. A visão corporativista tem o seguinte objetivo: privilegiar “os meus”. Os demais, nessa visão, são deixados de lado ou para depois. O que, de fato, importa é que ‘os meus’ tenham destaque e preferência.

O corporativismo existe em todas as camadas e realidades sociais. Ele é a explicação para algumas decisões que prejudicam muitos e beneficiam poucos. Ele também explica o motivo de alguns serem comprometidos ou solidários apenas em causas que sejam de iniciativa ou liderança “dos seus”. E, movidos pelo corporativismo, alguns acabam esquecendo das macrorrealidades, como a sociedade em geral, e vão construindo um mundo em que só merecem atenção, amor, investimento, solidariedade e outros valores aqueles que são mais próximos, como um colega de trabalho ou um parente – “os seus”. Um espírito egoísta paira sobre o corporativismo e esse pode se tornar um grave problema, principalmente em médio e longo prazo.

A visão corporativista deve ser substituída por uma visão cooperativista. Em vez de priorizar uma categoria, devemos priorizar um projeto, independente das pessoas que estão relacionadas a ele. Em vez de “os meus”, devemos incluir “os nossos” e aprender a trabalhar em favor de todos e não de alguns. Em vez de privilegiar alguns, devemos pensar em ajudar todos, até os que estão mais longe. Em vez de comprometimento apenas com “os meus”, devemos ser capazes de nos comprometermos também com “os seus”. E, para isso, é necessária uma mudança radical na forma de interpretar os próprios compromissos, os investimentos e até os propósitos. A interpretação passa a ser pelo bem comum e não pelo bem de alguns – em especial os mais próximos.

Apenas quando aprendemos a trabalhar com os diferentes e distantes a partir de um projeto para o bem comum é que estaremos, de fato, fazendo a diferença em nossa sociedade. Apenas quando rompermos as barreiras impostas pelos laços emocionais – que tendem a nos manter próximos apenas dos nossos amigos, familiares e membros da mesma categoria – teremos condição de agregar novas pessoas com seus talentos e potencial. Mas também enxergaremos o mundo de forma mais ampla, construindo um novo cenário em que podemos cooperar com muita gente, recebendo e dando nossa contribuição e, assim, avançando por novos caminhos, nos quais ‘todos’ e não ‘alguns’ serão ajudados, abençoados, socorridos, supridos...

Que tal começar a considerar a possibilidade de se aproximar de outros? Com certeza, muito poderá ser aprendido e feito a partir daí.